



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

11 de Dezembro de 2004 • Ano LXI • N.º 1585
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Momentos

Tudo em pratos limpos

QUEREMOS sossegar os nossos Amigos de que os Padres da Rua e as Senhoras da Obra continuam a ser pobres e a sofrer como os Pobres, a nossa condição.

Não é por alguém dizer bem de nós que nos estimulamos nem porque o mundo nos persegue e calunia que desistimos ou desanimamos.

O nosso Mestre é Jesus Cristo e Ele dita-nos o caminho a seguir.

Não queremos outro Mestre nem adoptamos rota diferente.

O Padre Américo, com o seu carisma fortemente evangélico e a sua sabedoria bebida nos Pobres atraiu-nos a viver da mesma maneira o apelo de Cristo Jesus: — *O que fizerdes ao mais pequenino é a Mim que fazes.*

É por amor a Ele, que amamos os Pobres e os pequenos, nos quais Ele vive.

Não somos reféns de mais ninguém senão dos Pobres e dos nossos rapazes. Sim, reféns e bem reféns!

Não arredamos pé, venha o que vier.

Não estamos cativos dos métodos do Padre Américo, mas sim do Evangelho que ele viveu e aonde foi beber os princípios que inspiram a sua pedagogia.

Para sermos educadores sociais é nosso dever e necessidade visitar os Pobres e viver as suas amarguras. Não nos podemos substituir por assistentes sociais que nos elaborem relatórios e nós fiquemos no gabinete. Nunca o faremos. Ir aos Pobres, sentir e cheirar os ambientes que eles vivem!... Pautar a nossa vida com a deles, acolher-lhes as dores, as dificuldades, as incapacidades e tentar ajudar e resolver é uma fonte de sabedoria que por nada deixaremos.

Só outros Pobres nos impedirão que vamos a mais.

Estamos ultrapassados? — Que se ultrapasse o estado de pobreza de dois milhões de portugueses.

Logo que esta meta seja atingida nós seguiremos em frente.

As nossas instalações precisam de ser revistas? Estamos a fazê-lo com a colaboração de técnicos competentes e o contributo feliz dos nossos rapazes.

Não temos dinheiro? Nunca tivemos e nem por isso deixámos de fazer fosse o que fosse e realizá-lo-emos sempre, pois nunca nos pautámos por orçamentos. Confiamos.

Não tocamos nas dezenas de contas que os nossos rapazes têm abertas, em seu nome, na Caixa de Crédito Agrícola, de Paço de Sousa e noutros Bancos.

Todas as Casas do Gaiato andam em obras. Sempre. Ampliações, adaptação e renascimento. Nunca paramos. Nem aqui nem em África.

Em Paço de Sousa refizemos a piscina e renovámos completamente o espaço magnífico que a envolve. Restaurámos a casa de férias, em Azurara, que ficou um mimo. Aumentámos e actualizámos a biblioteca e as salas de estudo que se apresentam confortáveis e espaçosas e atraentes. Criámos um campo de treinos para educação física, supletivo ao de futebol que sempre existiu, para o substituir quando estiver ocupado. Alindámos a Aldeia com muros e jardins e estamos a reabilitar a «casa da eira» que foi o encanto de Pai Américo, tem colunas de granito com mais de mil anos e é um monumento admirável de beleza granítica.

Não deixámos de colaborar com o telhado, e não só, a muitas famílias que se têm abalançado em construir a sua casa, como ainda não fechámos a porta a centenas de Pobres que a nós recorrem diariamente.

Não diminuámos o investimento na educação, promoção escolar e formação profissional. À nossa conta, o «Tainha» partiu para a Suíça, após graduação, cujos níveis académicos esgotou em Portugal.

O Evangelho está ultrapassado? É natural para aqueles que nunca O experimentaram viver, nem saborearam a Sua misteriosa doçura!...

Nem Francisco de Assis, nem o Padre Américo, nem Teresa de Calcutá esgotaram o Evangelho, quanto mais nós ignorantes e fracos!...

Até hoje ninguém conseguiu atingir a meta da perfeição de sabedoria evangélicas, quanto mais vir agora proclamar que os princípios em que assentam a nossa prática e pedagogia, por serem de há sessenta anos, estão ultrapassados!

A Verdade e a Justiça, a Liberdade e a Responsabilidade, a Autonomia e o Trabalho coabitam encadeados uns nos outros, de tal maneira que a educação deve tê-los sempre presentes e favorecer, contra todos os riscos, o seu desenvolvimento até serem adaptados pessoal e conscientemente como normas intransponíveis de viver.

O nosso nível humano e social não é o dos burgueses, nem dos bem-instalados.

Somos operários e trabalhadores.

Todas as Casas têm na rectaguarda e em acessoria corpos técnicos quer da medicina, das ciências humanas: — psicologia, psiquiatria e direito, quer, ainda, da construção civil — arquitectos e engenheiros, como também de contabilidade e ajuda ao estudo e formação religiosa e humana dos rapazes. Presenças discretas, humildes, competentes e colaborantes, em regime de dedicação gratuita e evangélica. Esta gente não perturba nem se intromete na vida familiar da Casa do

Gaiato nem na nossa estrutura de *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes*. Todos os anos somos contactados por empresas comerciais com ofertas de ganhos invejáveis se lhe deixarmos usar o nome da Casa do Gaiato para qualquer promoção.

Nunca aceitamos, por norma. Somos confrontado com denúncias, por todo o País, sobretudo nas grandes cidades e em Fátima, de gente que anda a pedir para a Casa do Gaiato sem nosso consentimento ou percepção, arrecadando para si o que arranjam.

Os jornais e televisões, se querem venda e propaganda de si próprios, é porem o nome da Casa do Gaiato na primeira página ou no rodapé e aí está o povo português encadeado e preso.

Toda a gente tem percepção deste bom nome e da realidade sublime que é a Casa do Gaiato.

A publicação das acusações no relatório, infundadas e difamatórias, desencadeou por todo o País uma onda enorme de indignação, dor e repulsa que só os Padres da Rua poderão avaliar. O nome da Casa do Gaiato só sai beliscado na alma dos que não nos conhecem. Os que nos compreendem mais nos amam e ajudam.

Padre Acílio

Tribuna de Coimbra

Grande momento da nossa vida

ONTEM, fui jantar com o Ricardo. Como fez exame de condução, ficou bem e já ganha, foi da sua conta. Convidou mais três rapazes, dos mais velhos, para festejar. O Pedrito, o Zé e o Cursino. Fomos a um restaurante próximo. Estes encontros valem não tanto pelo paladar da ementa, mas, principalmente, pelo sabor da partilha; de problemas e pontos de vista que nem sempre a pressão do dia-a-dia proporciona. Como era de calcular, um dos «ingredientes» do jantar foi as recentes reportagens das televisões sobre as Casas do Gaiato. Todos eles já são homens e cidadãos que partilham com outros a construção do tecido social. De modo que não foi difícil que a conversa descambasse tanto para a indignação, compreensível, como para o

sarcasmo, irracional. De facto, a leviandade, a ignorância, o preconceito e a má-fé parecem ser os matizes informantes da notícia, o que conduz, para prejuízo de todos, à confusão e ao descrédito. Com razão satirizaram, a seu modo, entre outras, as histórias, imbecis, das «guloseimas», do «isolamento» e da «clausura»... E, como o assunto que ali nos congregava era outro bem mais simpático e positivo, o Cursino aproveitou a ocasião para dizer que na próxima semana procederá à escritura da sua casa, convidando os presentes para festejar e visitar a sua futura habitação. É um TI muito jeitoso, comprado com as suas economias e para a aquisição do qual nós também contribuimos com gosto e alegria. Economias dele, nossas e tuas, pois que as nossas são apenas o que sobra daquelas que pões em nossas mãos. Grande momento este também da nossa vida! Como se torna gratificante chegar aqui! A auto-estima cresceu em todos. Que fez tudo isto? O amor de família que nos liga. Ninguém duvida!

A cerimónia do lançamento do livro sobre a educação na Casa do Gaiato, da autoria do Dr. Ernesto Candeias foi também assunto de conversa. O valor científico da Obra, salta à vista dos rapazes pela presença de altas figuras da Nação. Também nós ficámos impressionados e confiantes. Os discursos de apresentação da Obra, não deixam dúvidas de que estamos perante um livro providencial para a Obra da Rua já que se trata de um estudo científico, não de um estudo de «encomenda», num momento em que há quem duvide, injustamente ou até propositadamente a tente silenciar. As presenças do Senhor Presidente da República e do Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa bem como seus discursos, oportunos, não podem deixar de ter uma leitura de grande alcance. As suas posturas, de grande elevação e proximidade, deixaram transparecer um espírito livre de preconceitos acenando ao diálogo e ao respeito pela diferença. A Obra da Rua tem esse direito que, aliás, lhe é soberbamente reconhecido pela Nação. Muito mais o Padre Américo que, como alguém afirmou, corporiza magistralmente essa espécie de «bem-fazer» que existe latente na alma portuguesa. Que a «mania», nossa, de andarmos atrás de figurinos de importância a não desfigure.

Padre João

Encontros em Lisboa

Natal

COM a aproximação do Natal, toda a gente nos quer dar coisas. As feiras, as ruas e os «centros das coisas» encheram-se e é preciso esvaziar, daí os sedutores anúncios e propostas de felicidade com a aquisição das coisas. O Natal quase se transformou em coisas que se vendem, se compram e se dão apressadamente... Olhando o tempo do primeiro Natal encontramos a família reunida à volta do Menino que nos é dado... O tempo pára e é o mistério da vida, do amor, da esperança presente na fragilidade do humano.

Na preparação para este Natal sur-

gem, entre tantas luzes, as sombras dos números que escondem vidas humanas. Num mesmo dia vi, nos nossos jornais, coisas como estas: mais de 450.000 famílias abrangidas pelo Rendimento Mínimo de Inserção. Passado um ano, mais de 60% não conseguiram inserção na vida produtiva normal. Acrescem a estes dados os 6,9% de desempregados. Muitos deles farão parte do mesmo leque...

Estas realidades aparecem na nossa Casa, não em números, mas em pessoas vivas que necessitam do essencial: pão, massa, arroz, açúcar e, como extravagância, umas conservas... É também a renda da casa, a água e a luz...

Natal de tanta luz e Natal de tanta sombra...

Padre Manuel Cristóvão

Cultura da independência

A segunda leitura neste 33.º Domingo do Tempo Comum é da 2.ª carta de S. Paulo aos Tessalonicenses e fundamenta no trabalho de cada um o seu direito à subsistência: «Quem não quer trabalhar, também não deve comer».

E não só neste passo, mas em outros de outras Epístolas e nos Actos dos Apóstolos, S. Paulo chama a atenção para a sua postura, «pois não vivemos entre vós desordenadamente, nem comemos de graça o pão de ninguém; trabalhamos dia e noite, com esforço e fadiga, para não sermos pesados a nenhum de vós». E acrescenta: «Não é que não tivéssemos esse direito, mas quisemos ser para vós exemplo a imitar».

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

PATRIMÓNIO DOS POBRES

— São duas dezenas as casas que temos em mão. Moradias do Património dos Pobres. As primeiras que Pai Américo lançou em 1950. E foram lúme pelo País fora.

Ao longo do tempo, temos reconstruído esses monumentos, de forma a que os utentes possam ter abrigo capaz. É o caso de uma, no cimo dum monte que recebeu obras capazes. Outra, noutra monte, cuja velhinha que a habita mal pode andar.

Tudo isso é Património dos Pobres, cuja despesa é feita pelos donativos dos Leitores à nossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus.

PARTILHA — Oitenta e oito euros, da assinante 37529, de Setúbal: «Como estamos em Novembro, mês das almas do Purgatório, envio em memória da minha querida tia a dita quantia, tantos quantos os anos que ela viveu. A oferta destina-se aos medicamentos de um idoso, ou idosa, em dificuldades, já que a ela nunca faltou o apoio, o carinho de todo o tratamento necessário até ao fim».

Do Lar do Comércio, Leça do Balio, cheque de 25 euros, da assinante 7004. «Quem está a escrever é uma anciã de 85 anos e com muitas dificuldades de visão pelo facto de sofrer um glaucoma».

Da assinante 10701, de Miramar, «para atenuar um pouco a vossa preocupação, 150 euros. É pouco, mas de boa vontade».

Cinquenta euros, «com todo o amor e carinho, do assinante 56363», de Macedo de Cavaleiros.

Remanescente de contas, da assinante 60788, do Porto, «pedindo o favor de utilizarem o resto na Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, aplicando-o onde atenderem ser mais necessário».

Cinquenta euros, da assinante 37087, também do Porto, para o Júlio Mendes «ajudar o fornecimento de medicamentos para os Pobres da Conferência».

De Rio Tinto, um cheque de 204 euros, do assinante 9217, «enviado como complemento de pensão de ex-combatente do Ultramar. Não a desprezo, mas sei que poderá ajudar alguns medicamentos a quem tanto necessita».

Cem euros, da assinante 67298, do Porto, sem mais quê.

De Coimbra, o assinante 20753: «Caros amigos, eu pecador me confesso... Meu Senhor e meu Deus, meu tudo... Misericórdia... Tem compaixão de mim... Obrigado por tudo (que nunca imaginei ter!!!) o que tanta abundância me dáis! Para medicamentos, um cheque de 25 euros. Deus vos ajude».

Agora, vem lá «uma pequena ajuda, cinquenta euros. É do coração. Um abraço para todos», que retribuimos com amizade.

Uma Beatriz, de algures, presente com «a minha contribuição de Setembro e Outubro».

Lourdes, de Cacém: «Aqui vão mais uns pozinhos. Não sei exprimir por palavras o que sinto pela vossa acção. Bem-hajam».

Assinante 57002, da Senhora da Hora. «Pequeno contributo de Novembro, cem euros, que distribuirão como melhor entenderem. Migalha que junta a muitas outras ajuda a aliviar o sofrimento de alguns nossos irmãos mais necessitados».

Em nome dos Pobres, Deus vos pague.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes



André, neto do Eurico que foi da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Paço de Sousa

LANÇAMENTO — No dia 5 de Novembro foi lançado mais um livro sobre a educação na Casa do Gaiato, pelo Professor Ernesto Candeias, na nossa Casa do Gaiato do Tojal. Aproveito para dizer que foi uma organização difícil, por ter muita gente. No entanto, foi bom estarmos com os nossos irmãos de outras Casas e antigos gaiatos.

EXCURSÕES — Têm vindo poucas. E a gente espera ter um jogo organizado por elas. Venham e apreciem a beleza da nossa Aldeia.

F. C. PORTO — No último jornal os rapazes do Tojal escreveram que o Benfica os convidou a ver vários jogos. Porque não o F. C. Porto!? Não nos convida. Agradecemos que a Direcção nos convide.

«BUBÚ» — Um dos rapazes que tinha saído da nossa Casa voltou e já trabalha. A gente espera que não torne a fazer o mesmo.

CALÚNIAS — A equipa da TVI, que veio a nossa Casa, disse que vinha filmar para nos defender. Mostraram o contrário, inventando histórias de há muito tempo.

Disseram que os nossos rapazes não comem guloseimas — o que é uma calúnia. Temos delas para nós e para os Pobres.

Também fomos acusados de vivermos numa *clausura*, o que é outra calúnia, porque a porta está aberta.

Aproveito para dizer que a Casa unida jamais será vencida...

O «Tomate» recebeu muito da Casa do Gaiato: casa e oficina de sapataria com máquinas e dinheiro. Devia agradecer o que tem, à nossa Casa.

Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Novembro,
58.500 exemplares

«BEBÉ» E MARCOS — Foram embora devido ao pai ter visto as reportagens da TVI. Levou os filhos! Um dia vão arrepender-se, por causa do pai.

DIÓSPIROS — No pomar e na encosta da mata, temos alguns dióspiros. É um fruto muito sensível, cuja colheita efectuamos, para nos deliciar à sobremesa.

Rolando Polónia

DESPORTO — «O garoto da rua é um camaleão. Em casa desobedece; a pedir é choramingas; com os outros é refilão; nas ruas é malcriado; às perguntas é mentiroso. Muda de cor e de estilo conforme os lugares e as circunstâncias. Porém, se ele se apercebe e sente que alguém no mundo o ama, quer amar também e é fiel.» Pai Américo.

Ora, no nosso Grupo Desportivo, se calhar, há já quem tenha passado por essas situações. Mas hoje, todos juntos, fazemos um balneário forte, coeso e sincero. — E porquê?! — Porque sentimos que realmente alguém nos ama, e tudo faz para que cada um se sintam bem naquilo que é seu.

E já que falamos em amar e fazer os outros felizes. Há dias, num Domingo de manhã, estava o campo de futebol cheio de rapazes a treinar, cada qual com a tarefa estabelecida pelo treinador, e eis que surge atrás da baliza de cima, o nosso Padre Manuel Mendes com bolas novas. Deus sinal... e chutou-as para o campo. Foi uma explosão de alegria e boa disposição, tão grande e tão espontânea, por parte dos rapazes, que ele não perdeu tempo, e foi buscar a 2.ª remessa. Aquela satisfação dos rapazes, talvez, até, nem tenha sido bem por causa das bolas em si... mas pela atitude e pela presença dele naquela hora e naquele lugar, em que os rapazes procuram fazer o que gostam, em liberdade e com prazer. Os rapazes (...) ficaram felizes e satisfeitos! Pode e deve aparecer mais vezes, e trazer mais bolas se as tiver.

Tínhamos dito na crónica anterior, que os Seniores estavam a subir de forma. Para quem tinha dúvidas, eis a prova real. Eles receberam um grupo de Entre-os-Rios, e apesar de uma primeira parte difícil e aguerrida de parte a parte, na segunda metade, os nossos rapazes repuseram a verdade do jogo, marcando cinco contra um, que o «Mancha» facilitou, e não conseguiu deter o remate, que saiu de uma confusão dentro da pequena área. A conversa ao intervalo e no balneário é um fortificante para os nossos atletas. Eles são inteligentes e assimilam com facilidade o que se pretende. «Bolinhas», Ilídio e Gil os marcadores dos três primeiros golos, mas ainda haviam de saltar do banco para marcar: «Russo» e «Carlos Pote». Se neste jogo eu distinguisse um só que fosse, estaria a ser injusto, pois, todos num só bloco, fizeram pela vida... e construíram um resultado que faz crescer água na boca, a quem anda no mundo do futebol. Parabéns Rapazes!

Alberto («Resende»)

Miranda do Corvo

AGRICULTURA — A época da apanha da azeitona já se iniciou e com ela um grupo dos nossos rapazes aproveitou o fim de semana para a recolher. Durante a semana é impossível fazer esse trabalho porque a maioria dos rapazes estão na escola ou empregados. Nas terras onde a azeitona foi apanhada também foi feita a poda das oliveiras.

RAPAZES — O Victor António, mais conhecido pelo «Vitinha», foi sujeito a

uma operação cirúrgica ao joelho, devido a um entorse que sofreu a jogar futebol. A operação correu com sucesso e está agora a recuperar com exercícios de fisioterapia no HUC. Com tudo isto já perdeu duas semanas de aulas. Esperamos que recupere o mais depressa possível.

FÉRIAS — O nosso Padre João tirou curtas férias, de uma semana, para descansar. Veio para cá o nosso Padre Carlos, que está no Lar do Porto. Não houve grandes problemas.

APRESENTAÇÃO DO LIVRO — Houve um encontro entre as duas gerações de antigos e actuais gaiatos que se reuniram no Tojal para assistirem à apresentação de um livro do Dr. Ernesto Candeias Martins cujo título é *O projecto Educativo do Padre Américo*. Um livro que faz referência ao ambiente vivido pelos rapazes na Casa do Gaiato. Para o lançamento desta obra estiveram presentes Sua Eminência Reverendíssima o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. José Policarpo, e o Sr. Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio. A presença destas individualidades significa a grande importância da Obra da Rua, em Portugal, na formação de homens que integram a sociedade. Este encontro teve também o objectivo de mostrar ao Estado que a Obra da Rua vive há mais de 60 anos e continua a viver dos donativos dos pobres e dos homens de boa vontade. Como o Padre Américo disse aos Padres da Rua: «pregai aos Pobres, ide ao encontro deles e nada vos faltará». E assim tem sido.

Adriano

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Aproxima-se o Natal, o nascimento do Menino Jesus, Menino que mora num estábulo, traz-nos uma maior aproximação ao nosso semelhante.

O amor pelos nossos irmãos mais carenciados, neste dia, vamos todos unir-nos e proporcionar-lhes um dia diferente. As carências são muitas e, cada vez mais, há mais irmãos necessitados, mas como não temos confrades suficientes para socorrer, vamos tentar, pelo menos, ajudar aqueles que, neste momento, fazem parte da Conferência.

Vamos fazer o que o Menino nos ensinou, isto é, pôr um pouco de lado para aqueles irmãos necessitados. Vamos, todos juntos, fazer com que os nossos Pobres, com suas famílias, passem um Natal mais aconchegado, no pensamento do Menino Jesus. Amar os Pobres é dever de todos nós.

A seguir vamos transcrever um texto do livro de Henri J. M. Nouwen *A Voz Íntima do Amor*:

«Dá de graça.
O teu amor, na medida em que provém de Deus, é fundamental. Podes assumir a permanência do teu amor como uma graça de Deus. Podes dar esse amor permanente aos outros. Quando deixam de te amar, não precisas deixar de amar. A nível humano, as mudanças talvez sejam necessárias, mas a nível divino podes manter-te fiel ao teu amor.

Um dia sentir-te-ás livre para dar amor gratuito, um amor que não pede nada em troca. Um dia também te sentirás livre para receber amor gratuito. O amor é-te oferecido muitas vezes, mas não o reconheces. Ignora-lo, porque estás determinado a recebê-lo da mesma pessoa a quem o deste.

O grande paradoxo do amor é precisamente quando te reconheces como filho bem-amado de Deus, quando estabeleceste fronteiras para o teu amor e forte, por con-

seguinte, capaz de dominar as tuas carências, começa a crescer na liberdade de dar de graça.»

Desejamos a todos os nossos Amigos um bom Natal e que o Menino Jesus nos traga mais paz e amor.

RECEBEMOS — Assinante 6313, cheque de 50 euros; Amiga Marília Silva, pelo seu aniversário, 75 anos, que Deus lhe dê muitos mais de vida entre nós, envia 100 euros; Maria Almeida, de Esmoriz, o seu donativo; Amiga, de Fiães, sempre presente nos nossos corações, tal como no de todos os amigos que recebem o seu donativo; Amiga, do Lar de Nossa Senhora do Sameiro, Braga, a sua oferta; D. Maria de Castro, de Santa Cruz do Douro, muito obrigado pelo seu donativo; assinante 22890, 50 euros.

Em nome dos nossos irmãos, muito obrigado.

Por solicitação dos nossos Leitores registamos o nosso endereço: Conferência de S. Francisco de Assis, Lar do Porto, Rua D. João IV, 682, 4000 Porto.

Casal vicentino

Setúbal

À Irmã Dominique

Saudade, saudade, o que significa Saudade, o que dizer Saudade é tudo o que fica Depois de morrer.

E quando se vai Não há mais Esperança, um sentimento que Dói para sempre na lembrança.

Obrigado por tudo o que fizeste Por nós Esperamos que a sua alma descanse Em Paz.

Zeca

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

O NOSSO TESTEMUNHO — Como foi amplamente divulgado, realizou-se na Casa do Gaiato do Tojal, no dia 5 de Novembro, a apresentação do livro sobre a tese de doutoramento do Prof. Doutor Ernesto Candeias Martins, sub-Director do Instituto Superior de Educação de Castelo Branco, com o título: *O Projecto Educativo do Padre Américo — O Ambiente na Educação do Rapaz*.

O autor, segundo palavras de Padre Acílio, «centrou na intimidade das Casas do Gaiato há vários anos. A visão hoje seria diferente, porque a vida evoluiu vertiginosamente...» Mas para nós, actuais e antigos gaiatos, a sua doutrina e pedagogia mantêm-se actual.

O presidente da Direcção da nossa Associação, Manuel Machado, devido a afazeres da sua vida profissional, não pôde estar presente, mas fez-se representar pelo vice-presidente e restantes elementos, além de outros sócios, muitos vindos de várias partes do País. Também estiveram

Cultura da independência

Continuação da página 1

O a-propósito desta invectiva foi «a ociosidade em que — ouvimos dizer — alguns de vós vivem, sem fazerem trabalho algum mas ocupados em futilidades. A esses ordenamos, em nome de Jesus Cristo, que trabalhem tranquilamente para ganharem o pão que comem». A ociosidade justificavam-na esses pela proximidade do fim do mundo que supunham iminente — e então não valia a pena trabalhar.

Ora não é assim que Jesus diz no Evangelho. Primeiro, «a Sua vinda no fim do Tempo, não é sabida de ninguém senão do Pai». E o que Ele afirma, isso sim, é que «feliz o homem que o Senhor encontrar vigilante quando vier»!

Portanto a pedagogia do trabalho é um valor até na ordem da Salvação!

Como não haveria de ser, antes, uma valência sociológica ao serviço dos homens de todas as gerações, preparando-os para grangear por si próprios a suficiência, capaz ainda de partilha que a garanta também aos que por deficiência (doenças, idade...) não a podem alcançar por si! E temos nesta partilha uma nova valência: o testemunho de fraternidade que vem mais da consciência que da bolsa — pois quase sempre são os pobres os primeiros a sentir a pobreza alheia e a aliviá-la.

Foi neste quadro que Pai Américo viu e encontrou a inspiração para uma pedagogia em que o trabalho é instrumento principal de uma cultura de independência. Quem dera que todos os nossos a compreendessem e a assumissem!

Não me recordo se alguma vez aqui contei este episódio... Foi há uma

meia dúzia de anos, ou mais... Uma equipa da televisão alemã andava por esse mundo onde consta do trabalho infantil. Também nos visitou. Expusemos o lema das nossas Casas — *Obra deles, para eles, por eles*. Falaram com quem quiseram. Colheram as imagens que quiseram.

Passados meses começámos a receber cartas da Alemanha e de França, a dizer da alegria com que tinham presenciado nas respectivas cadeias de televisão as imagens gravadas na nossa Casa. E a demonstrar essa satisfação juntavam notas de marcos e de francos. Foram uns tempos de faturinha nessas divisas!

Ainda há no mundo quem saiba distinguir a virtude do trabalho que constrói, daquele que oprime e explora. Que bom!

Padre Carlos

DOCTRINA



«Nós fomos dos enterros»

OH! como eu fiquei triste quando ouvi da boca do nosso abandonado aquele «nós fomos dos enterros». E o quadro ficou muito mais denegrido, quando o enjeitado acrescentou: «Era pra ganharmos dinheiro prá casa»!

NÃO teria merecido nada o que se diz das Casas do Gaiato, se a Obra não falasse por si mesma; palavras leva-as o vento. Ela, a Obra da Rua, há-de necessariamente abrir brecha, a seu tempo. A Assistência nacional aos filhos das ervas há-de fatalmente considerar o mal que faz em trazer os seus protegidos pelos cemitérios e mandá-los depois embora, precisamente na ocasião em que eles mais necessitam de amparo. Há-de ver-se quão nocivo não é à economia social, o perder-se em pouco tempo o esforço de longos anos, só porque se manda para a rua sem armas de defesa, quem as não tem suas, nem tão pouco saberia usá-las, se as tivesse. A sociedade tem de tomar os filhos da rua como seus e acompanhá-los até ao lar que eles venham a construir. Isto é precisamente o que se espera das Obras da especialidade. É um encargo nosso; de cada um de nós. Não podemos ir chamar créditos nem valores estrangeiros. Deixá-los a meio caminho, é incorrer na censura do Evangelho: «Começou a construir e não soube acabar»! A coroa das obras está no fim.

NÃO se aloja de maneira nenhuma no meu pensamento o acto de mandar embora os Gaiatos aos tantos anos de idade. Não tenho lugar para este conceito. Repugna-me absolutamente. Ele é contra a Natureza. A galinha só pica nos pintos quando os sabe aptos para a vida; nunca os passa para outras galinhas. Quem viu jamais um pai marcar idade e limite de residência aos seus filhos? A Assistência que vem do decreto ou do estatuto, é, por isso mesmo, incompleta.

HAVEMOS de ir às fontes, à origem, à primeira célula que apareceu na terra — a Família. A lareira é uma Universidade. Pretendes destruir ou substituir a Família? Comprometes a sociedade. Por algo o Filho do Homem quis chamar Pai a José, o carpinteiro; e Mãe a Maria de Nazaré. Quantos pequeninos das nossas Casas, que não sabem quem são nem de onde vieram, exclamam às vezes de braços abertos: — «Eu quero a minha mãe!»

«ATÉ que idade estão eles aqui?» eis a pergunta sacramental dos visitantes; o mote da santa rotina! Basta a cada dia os trabalhos do dia. Essas dores ainda não chegaram. Em vez de ir ao encontro delas, achamos muito mais acertado esperar e ir ganhando energias para as sofrer quando vierem.

ÀS vezes, vem um agulhão dizer que dentro em breves anos temos rapazes na casa dos dezanove! Fazemos então um acto de confiança no futuro. Colónias! Terras de Trabalhadores portugueses. A posse das terras não é marcada pelas linhas de mapas, senão que pelo sangue e suor de quem as trabalha. Meia dúzia de famílias robustas de corpo e alma seriam os primeiros colonos. Depois outras e mais. Leis de protecção ao trabalhador. Dizem que temos um grande saldo fisiológico. Pedimos desculpa de tratar assim as almas, como se fossem mercadoria, mas não é assim mesmo que se ouve dizer aos jornalistas. Ora diz-se para aí que O GAIATO é um dos primeiros jornais e eu o maior jornalista. Sendo assim, temos cá o saldo. Este saldo vem em grande parte de gente pobre e de gente miserável. Os ricos, em regra, usam de mais cautela... Os filhos das trevas são muito prudentes. Vindo da pobreza e da miséria, dão mais tarde em filhos da rua e daqui nasce que a nossa riqueza torna-se em miséria social se nós todos não damos um jeito para que futuros indesejáveis da Pátria venham a ser os desejados das nossas Províncias ultramarinas — a bem da Nação.

D. Amín. 5.!

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

Pão de Vida

Folhas ao vento

Outono é uma estação de aparente declínio. O ar lavado da manhã, num espaço aberto e rural, aguça o apetite para o dia que se rasga, numa família reunida com filhos do vento.

O frio apertou, por estes dias, enquanto a aragem limpava continuamente os ramos das árvores de folha caduca — carvalhos, tileiras e plátanos. No seu movimento descendente, a folhagem foi-se arriscando a ser calcada. Também aqueles que caíram no abandono, com um carro de rolagens, o belo tapete natural de folhas caídas, na avenida principal da nossa Aldeia. O portão está aberto, desde o princí-

pio, e é preciso travar o veículo a tempo, antes de chegar à rua. Enquanto muitos jovens se deixam levar pelo desespero, neste Advento urge proclamar, em cima dos telhados, a Esperança. Aos mais débeis também é justo esperar, nas dificuldades, e não perder a coragem de sonhar. Libertar rapazes, de situações desordenadas e rejeitados, é um desafio à angústia. Para superar tensões, colocamos vassouras nas mãos de alguns, ao sábado, de manhã. É uma ocupação aceite, embora custosa, porque a natureza leva vantagem e, às vezes, ralham: «a gente varre e as folhas caem outra vez». Parece uma luta desigual; porém, naquelas vassouradas, libertam-se agressividades. Os técnicos terão melhor resposta?

Nesta época, são carradas de folhas que é preciso varrer, juntar em montes para apanhar e levar à vacaria. O gado bovino anseia por esta cama, para enxugar os seus membros. Já lá vai o

tempo em que se talhava mato nos montes e, assim, se impediam as chamas devoradoras.

Esta tarefa é desbravada durante a semana, mas a maioria dos rapazes são estudantes que vão pelo seu pé para as escolas oficiais, como cidadãos sem privilégios. Livres como os passarinhos. Vêm almoçar a sua Casa, quando é possível. Qual é o pai ou a mãe que não gosta de ver o rosto dos seus filhos, ao longo do dia?

A nossa porta principal não está encerrada, como num mosteiro de clausura. Os filhos da Igreja que vivem dessa forma, em silêncio, são uma rectaguarda orante que sustenta o Povo de Deus, porque falam dos nossos problemas ao Pai Celeste.

O Filho do Homem escolheu uma vinda simples e serena, para que os homens não se preparem para a guerra.

Estes jovens não tiveram onde crescer saudavelmente e, agora, não podem ser arrastados por ventos desfavoráveis. Haja paz em nossas Casas e tranquilidade nos nossos corações, para acolher os meninos que estão connosco e a Mãe do Menino protegerá no Inverno que aí vem.

Padre Manuel Mendes

presentes dezenas de antigos gaiatos de todas as Casas, incluindo as de África e muitos Amigos das Casas do Gaiato.

Esta maciça presença, não foi mera amostra mas um testemunho de agradecimento a uma Obra e a um Homem, que imbuído do amor pelos rapazes desertados da sorte, a criou de uma grandeza extraordinária, fruto de uma doutrina e pedagogia muito própria que teve e tem nos seus Padres e Senhoras, pais e mães de muitos, que só os tiveram biologicamente. Tantos que foram tirados do lixo e da marginalidade e tornados homens úteis à sociedade, inculcando-lhes o espírito do Amor, do Trabalho e da Responsabilidade.

Nos momentos difíceis onde o poder político, a Justiça e o Serviço Social ajudados por alguns media, mais não têm feito do que denegrir a imagem de uma Comunidade amplamente reconhecida não só pelo autor deste belíssimo trabalho, mas também pelo Cardeal Patriarca e sobretudo pelo Presidente da República, que elogiou a acção de Pai Américo e dos seus Padres, considerando-a mesmo ímpar e necessária ao País, não se justificando o que de negativo se passa, onde esta Obra sui géneris, que juntamente com outras idênticas, se torna necessária a um Portugal que se quer mais são.

A presença das centenas de actuais e antigos gaiatos, foi uma resposta aos «novos profetas da desgraça», mas acima de tudo, de testemunho e reconhecimento

a Pai Américo, aos seus seguidores e senhoras, que numa doação total, fizeram e fazem deles, valores seguros espalhados, não só pelo nosso território.

Aqui fica o nosso testemunho, com a certeza de que Pai Américo, lá no Reino Celeste, rejubila com os seus filhos.

João Hingá

Associação de Antigos Gaiatos de África

Gostava de escrever somente sobre o lançamento do livro do Senhor Professor Dr. Ernesto Candeias que, para nós, antigos gaiatos de África, e toda a família da Obra da Rua, teve motivos de profundo significado.

Pelas 12h30, três autocarros saíram de Paço de Sousa, rumo à Casa do Gaiato de Lisboa, Santo António do Tojal. A viagem correu bem. Chegámos antes das 17h00, e encontrámos, já, grande movimentação de personalidades ilustres e simples, apinhadas no largo, à entrada do Palácio dos Arcebispos. O Senhor Cardeal, D. José

Policarpo, o Senhor Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, e outras individualidades fizeram as honras na apresentação de mais um livro sobre o Pai Américo e seus métodos de Educação e Ensino.

O salão foi pequeno para tanta gente que queria ver e ouvir de perto os oradores. Valeu-nos a aparelhagem sonora que transmitia para fora tudo o que se passava na sala. No fim, autógrafos no livro, abraços e cumprimentos a pessoas e antigos gaiatos de outras Casas e de África. Foram vividos momentos que ficarão na memória e no coração dos Amigos da Obra da Rua.

Seguiu-se o jantar. O refeitório, nestes dias, também é pequeno e, por isso, recorreu-se aos assadores que funcionaram às mil maravilhas: fêveras, entrecosto, frango, castanhas, pão, vinho, sumos e, por fim, o respectivo caldo verde contribuíram para saciar o apetite de todos os presentes.

As máquinas de filmar estiveram presentes, bem como fotos foram tiradas para a posteridade. Pensávamos que as nossas televisões iriam mostrar imagens deste acontecimento, pois a pedagogia do Fundador da Obra da Rua, ímpar na educação da criança abandonada, deveria ser notícia para os portugueses!

Mas, como a comunicação social, em geral, só gosta de noticiar as coisas más, esqueceram-se completamente que tem de partir dela a doutrina no ensinamento e vivência das famílias para que os factos consumados deixem de existir! Ou será

que ela quer que eles existam, para aumentar audiências?

Peçamos a Pai Américo que, LÁ do seu cantinho, nos continue a iluminar e a mostrar os caminhos do Bem.

Foi o lançamento do segundo livro do

autor e ficamos à espera do próximo, que será no próximo ano. Vale a pena continuar a lutar. As crianças e os Pobres bem merecem. Por elas e por eles bem-haja a todas as pessoas de bem.

João Evangelista

Calvário

O Diamantino

ERA um rapaz trabalhador. Sem pais nem familiares próximos que o acolhessem, vivia num anexo da casa do patrão — um construtor civil. Num momento de distração, ao cair de um andaime, sofreu um acidente com traumatismo craneano. Por três vezes foi operado. Ficou hemiplégico. Perdeu a noção do tempo, do espaço, de si mesmo e dos outros. Era preciso retirá-lo do hospital. O patrão não

o aceitou. Diversas instituições contactadas pelo serviço social daquela unidade, recusaram a admissão. Todos lavaram as mãos. Nós aceitámo-lo, porque aqueles que ninguém quer são os nossos preferidos.

O rapaz não tinha segurança social nem estava coberto pelo seguro. Quem nos contactou informou o tribunal do sucedido e não mais apareceu, para se ir inteirando da situação deste pobre inválido.

Entretanto, ele foi chamado a tribunal por oito vezes. Mas, após quatro anos, ainda não conhecemos o desfecho do processo. A justiça dos homens é lenta. Os juízos de Deus são mais rápidos: na consciência de cada um surge de imediato o veredito adequado.

O tribunal de trabalho não tem pressa em resolver a situação deste rapaz e vai andando... lentamente. Pressa tivemos nós em o receber e dar um leito, como fazemos com todos aqueles que vão sendo esquecidos nas ruas do abandono e nos batem à porta.

Eles vêm todos de mãos vazias. Mas no encaço logo aparecem os amigos.

— Tome. É para os seus doentes.

Quando escolhemos a melhor parte — amar o próximo — o Senhor encarrega-se do resto e toca de mansinho no coração dos homens.

Padre Baptista

Malanje

A nossa esperança

VAI fugindo a nossa esperança. Esperança de um sacerdote «gaiato». Regressaram ontem do Seminário e quase todos com notas altíssimas. Dois querem cursos universitários. Outros dois, com o 12.º, um emprego conforme. Ainda continuam oito. Esperamos. Se chegar só um — valeu a pena e será uma alegria. Seria o primeiro gaiato a ser sacerdote da Obra. Vamos pedir ao Senhor.

«Deixa tudo e segue-Me!» Não pelos cem por um... Mas pelo amor a Ele e aos outros.

Renovamos a nossa esperança.

Escolas e profissões

NO ICRA o sucesso escolar não será tão bom. Faltas no estudo? Menos capacidade? Fraco interesse? De tudo um pouco.

Nas oficinas, somente cinco têm aproveitado.

No campo, somente dois.

A fuga ao campo é geral e um facto.

Nem um sequer se apaixonou pelas vacas, porcos e galinhas...

Ficou do tempo colonial uma certa aversão pelos trabalhos dos campos e profissões de cozinheiro. Quando lhes digo que na Europa um bom cozinheiro ganha tanto ou mais que um doutor, sorriem...

«Cozinheiro, nunca!» Seu avô foi cozinheiro de um branco. Aversão nata. Também os avós de muitos foram contratados nas fazendas de café e campos de algodão...

«Se eu vender três pentes ou três saquinhos de Whiski ganhei o meu jantar». E o jantar chega. Está escrito na mente.

Padre Telmo



Benguela

Parábola do semeador

SEMPRE foi para mim um foco de luz. Os pais, os educadores, são como o semeador. Diante dos seus olhos está a lavra, os campos, para semear. São os filhos, em primeiro lugar. São os outros que entram no seu horizonte.

A esperança da colheita anima o semeador. A paciência com que

faz o seu trabalho marca o ritmo dos seus passos. Espera sempre. É constante. Aceita que nem todas as sementes vão germinar no tempo devido. Mas acredita.

O educador é assim mesmo. A alma do seu trabalho chama-se amor. Quem semeia com amor não perde nunca o serviço que faz. Chamo, de propósito, serviço, porque os educadores são servos.

Deixai que a luz da fé entre nesta reflexão para poder ir mais longe e mais alto. Todo o educador está ao serviço dum projecto que tem notas diferentes em cada sujeito. A descoberta desse projecto é um trabalho de observação diária. O respeito que está subjacente pelas características de cada um, em ordem à sua realização pessoal, abre as portas da felicidade verdadeira. Daí que o educador é uma pessoa queimada pelo amor sacrificado até dar a sua vida. Quanta humildade é necessária! É servo. Quanta paciência!

Há dias, seguindo pela estrada, em viagem, o telemóvel deu sinal. Era uma voz que não ouvia há mais de 40 anos! Vinha de França. Encontrámo-nos na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, era ele ainda criança e eu pequeno padre ainda, nos primeiros anos de padre da rua. Soube que estava de passagem em Portugal e tentou falar-me. Obrigou-me a um esforço muito querido para o identificar. Só consegui fazê-lo, quando me

falou duma fotografia sua, nos degraus da Casa-Mãe, com um cordel a servir de cinto, muito gordinho e de cara à gaiato, de verdade. Quem era? O Manuel «Bucha». Bastou este encontro para encher de mais alegria a viagem que estava a fazer. Quarenta anos depois! Nunca mais nos vimos! E falámos como se estivéssemos sempre presentes um ao outro.

É assim o amor autêntico do educador, pai, mãe... Nem o tempo, nem o espaço, conseguem separar as pessoas. Enamoram-se para sempre e em todos os lugares. Pai Américo experimentou. Por isso os rapazes, sem que ninguém insinuasse, começaram a chamar-lhe Pai. Sentiu-se queimado pelo amor sacrificado que supõe morrer, dia a dia, para que os seus filhos da rua tivessem vida. «É o coração que mata a gente», disse. Referia-se ao símbolo do amor.

Ao escrever estas notas, nas vésperas de partir para Benguela, recebo a notícia alegre de que três dos rapazes que tinham ido para a cidade do Cubal, há dois meses, para montar as linhas de electricidade, regressaram, depois do trabalho feito. Eram filhos sem ninguém. Encontraram a sua casa de família na Casa do Gaiato. Foram amados. Cresceram. Agora, são cidadãos normais que ajudam Angola a reconstruir-se.

Padre Manuel António

Setúbal

Tempo de Advento

ENTRAMOS em tempo de Advento. Irá desembocar no presépio, no encontro com o Menino vindo à terra para nos reconduzir à unidade.

Os mares turbulentos, em que navegamos nos nossos dias, deixam-nos por vezes à deriva. São tempos de divórcios, de divisão. Em todos os sectores da vida em sociedade, damo-nos conta desta realidade.

Não seria de esperar outro resultado do cada vez mais entranhado individualismo que vai minando as consciências.

Ao contrário, o espírito que o Menino nos traz é de abertura aos outros, especialmente quando eles mais precisam, dos que andam à margem, separados do conjunto da sociedade humana.

Perante a tendência para o individualismo, temos de pregar o espírito de comunidade, pois só neste se podem unir as pessoas, tornando-se capazes de ultrapassar as divergências quando estas surgem.

O Presépio oferece-nos a Família de Nazaré, a experiência da autêntica Comunidade humana, o espelho perante o

qual devemos moldar a nossa vida.

Entre nós, também vão acontecendo tentativas de divórcio que não queremos, e para o que sempre estamos a alertar. Por vezes acontece, um ou outro rapaz mais crescido, arranjar maneira de obter um televisor para o seu quarto. As várias casas de família, em que os rapazes vivem, já têm cada uma a sua televisão, mas o comodismo individualista sempre procura reinar.

Nós queremos que os rapazes se formem para a autonomia e independência verdadeiras, que são sinais de maturidade pessoal e que contribuem para o bem comum. Elas fortalecem as células, os indivíduos, e dão maior fortaleza ao tecido social. São valores a promover, ao contrário do individualismo que vai fechando as pessoas em si, afastando-as umas das outras.

Para que os rapazes alcancem sua autonomia e independência, fazemos tudo. Damos-lhes todos os meios; encorajamo-los a voar até onde forem capazes.

É um trabalho sempre inacabado, tal como o Menino no-lo deixou para o continuarmos.

Padre Júlio

PENSAMENTO

Se construir é arrojo, mais ainda a maneira de o fazer. Começa-se sem dinheiro e prossegue-se com a certeza de que ele há-de vir. O teor das obras de Deus é desconcertante e desorienta os homens afeitos à geometria. Também isto é maneira de apresentarmos o Evangelho.

PAI AMÉRICO